

NOS CAMINHOS DA IMORTALIDADE: A TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE FERNANDO TADEU NOS TRILHOS DA HISTÓRIA

Francieli Marinato
Viviane Gonçalves da Silva
Outras Fronteiras, PPGHis, UFMT



Sala do Prof. Dr. Fernando Tadeu de Miranda Borges, Faculdade de Economia/UFMT (2019).

A equipe editorial de *Outras Fronteiras* tem a honra de apresentar esta entrevista com Fernando Tadeu de Miranda Borges. Fernando Tadeu é mato-grossense nascido em Cuiabá, em 1958. Em 1980 graduou-se em Ciências Econômicas pela UFMT e já nos anos seguintes fez pós-graduações também na área da Economia. Sempre interessado pela História Econômica, no Mestrado em Economia na USP (1991) enveredou-se definitivamente pelos caminhos da História, estudando o desenvolvimento urbano de Cuiabá.

Seguiu a mesma temática de estudos no seu Doutorado em História Social, concluído em 2003 pela USP. Atuando como professor na UFMT desde o término da sua Graduação, no início da década de 1980, Fernando Tadeu construiu uma carreira voltada para o tripé na Educação: extensão, pesquisa e ensino acadêmico. As respostas do entrevistado suscitam a imaginação e inspiram para a construção da *imortalidade* tendo a História e a Educação como caminho. O entrevistado revela muitos sonhos, sem os considerar totalmente realizados, mas sempre em processo de lapidação. O vislumbre de um trem imaginado continua presente em sua vida e considera o fato do livro de sua autoria sobre a espera de Cuiabá por um trem que nunca chegou, ter sido referência no enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, na homenagem a Cuiabá no carnaval de 2013, um dos grandes presentes recebidos em vida. Nesta entrevista, Fernando Tadeu declara o seu duplo amor, pela História e pela Economia, diz nunca ter deixado a História Econômica, e que acompanha o tempo da História. Vamos ao resultado.

[Revista Outras Fronteiras] Professor, gostaríamos que nos falasse sobre sua trajetória acadêmica.

Trata-se de uma trajetória que vem de casa pelo fato de ter sido criado por uma tia normalista, Maria Heloisa de Miranda (Naná), minha mãe, Aida de Miranda Borges (Dadá), minha Avó, Ana Josefa de Miranda (Jefa), que valorizavam os estudos, minha tia freira salesiana, Irmã Rita de Miranda (Professora Ritóca) e minha tia Ana Maria de Miranda Pinto (Anita - normalista). Um mundo com mulheres como protagonistas! A essas mulheres devo tudo na vida!

Fui alfabetizado pela Profa. Msc. Isabel Coelho Pinto de Campos (Profa. Loló), em sua Escolinha no Bairro do Limoeiro, no tradicional Bairro do Porto. Nessa Escola, depois de aprender a ler e escrever, e devido ao método avançado, consegui ter coragem para me aventurar pelos livros, dicionários e revistas. E, quando fui para o Grupo Escolar Senador Azeredo, o desempenho foi muito tranquilo, tendo sido no quarto ano primário, em 1969, o 1º aluno do Município de Cuiabá e recebido do *Lions* Clube de Cuiabá Centro um certificado de Honra ao Mérito, entregue em uma Sessão Solene no Clube Esportivo Dom Bosco.

Fiz a prova de admissão na antiga Escola Artífices de Mato Grosso (estilo europeu de educação). Aprovado, nessa escola cursei o Ginásio, destacando-me como 1º aluno do colégio. Conclui o Ginásio Industrial com habilidades em artes gráficas, carpintaria, marcenaria. E aqui uma constatação: na Escola Artífices/Industrial/Técnica aprendi a não separar o trabalho manual do trabalho intelectual. É intrigante que a Escola Artífice (estilo europeu de educação), depois Escola Industrial, Escola Técnica, Centro Federal de Educação Tecnológica e atualmente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (estilo americano de educação), tenha tido tantas designações no decorrer dos seus mais de cem anos de existência. Uma questão para ser estudada pela História.

Quando terminei o Ginásio Industrial, fiz ainda dois anos do Curso Técnico em Estradas na Escola Técnica Federal de Mato Grosso. O primeiro semestre do terceiro ano, estudei no Miguel Couto Bahiense, no Meier/Rio de Janeiro, e conclui o segundo semestre no Colégio São Gonçalo de Cuiabá. A passagem pelo Miguel Couto Bahiense e pelo Colégio São Gonçalo foram importantes na minha trajetória acadêmica, pois fortaleceram os estudos de economia, literatura, história, política, biologia. O Miguel Couto Bahiense e a estada no Rio de Janeiro, ainda que por curto período de tempo, foram fundamentais para que eu tomasse ciência da grave situação nacional daquele período (anos 70).

Na decisão de qual curso fazer, depois de deixar o sonho da Medicina pela indicação do teste vocacional, realizado com a psicóloga Profa. Dra. Eugênia Coelho Paredes, que deu como resultado Diplomacia, fiquei entre Direito e Economia, optando, seguro de que estava certo, e de fato foi uma sábia decisão, pela Economia, devido à forte presença da História Econômica no Curso de Ciências Econômicas e por desejar dissecar a Formação Econômica do Brasil.

No Curso de Graduação em Ciências Econômicas tive excelentes professores, destacando-se na História Econômica Geral, Profa. Iraci Galvão Salles, do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso, selando para sempre em minha vida acadêmica e profissional um compromisso com a História Econômica. A Profa. Iraci Galvão Salles era, à época, orientanda do Prof. Dr. Fernando Novais, falava bastante em suas aulas das teorias desse acadêmico reconhecido e, como acabei me destacando no curso, alguns dos colegas me apelidaram por um curto período de tempo de “Fernando Novais”, que depois, bem mais tarde, veio a se tornar meu professor em um Curso de Extensão da USP e foi maravilhoso, aulas magistrais. As aulas do Fernando Novais eram dadas em formato de conferências, estilo clássico, com um tempo ao final reservado para perguntas.

Ainda na Graduação em Ciências Econômicas encantei-me com as seguintes disciplinas: Estatística, sob a condução do Prof. Pedro Novis Neves e do Prof. José Pereira Régis; Contabilidade e Estrutura e Análise de Balanços, sob a condução da Profa. Msc. Luzia Guimarães; Teoria Econômica, sob a condução do Prof. Msc. Guilherme Frederico de Moura Müller e dos professores Benedito Zacarias da Silva, Vicente Machado de Ávila, Edson de Souza Miranda, Msc. Manoel Pinto da Fonseca, João Eduardo de Resende, João José de Amorim, Antonio Ernane Pedroso Calháo, Msc Isabel Guarim, Antonio Rodrigues da Silva e Msc Adejá de Aquino; e Formação Econômica do Brasil, sob a condução do Prof. Alfredo da Mota Menezes. Todas essas disciplinas com seus respectivos professores deixaram marcas fortes na minha formação acadêmica e profissional. Trago de cada um deles muitos ensinamentos.

Formado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Mato Grosso (1980), fiz Especialização em Economia Agrária (1981), tornando-me docente do Departamento de Economia logo após o término da especialização, em 17 de agosto de 1981. O Curso de Especialização era pago; como ainda não tinha emprego, consegui uma bolsa-trabalho na secretaria do curso (tirava cópia das apostilas, organizava a sala de aula etc).

No Departamento de Economia coordenei o Curso de Especialização em Estudos Populacionais, promovido pela Fundação de Pesquisas Cândido Rondon do Estado de Mato Grosso, Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) e Departamento de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso. Nessa oportunidade, conheci interessantes professores, que em diálogos me aconselharam como proceder para continuar atuante na vida acadêmica, dos quais destaco os seguintes, Prof. Dr. Tamás Szmercsányi e Prof. Dr. Carlos Eugênio de Carvalho Ferreira. Na UFMT destaco os professores Gabriel Novis Neves Dr. Nelson Zanata Gomes, Msc. Isabel Coelho Pinto de Campos, Pedro Novis Neves, Msc. Guilherme Frederico de Moura Müller, Célia Maria Vivas Barreto de Melo, José Pereira Régis, Msc. Maria Manuela Renha de Novis Neves, Msc. Adejá de Aquino e Attílio Ourives, e mais à frente os professores Miguel Biancardini Neto, Dr. Marcos Prado de Albuquerque e Dra. Ângela Kageyama (UNICAMP).

Na tentativa de conseguir um curso de mestrado, acabei sendo aceito ao mesmo tempo pela ESALQ/USP, PUC/SP, UFV e USP. Depois de conseguir vir a ser aceito em quatro instituições, fiquei no início sem saber como fazer para decidir por uma delas, pois todas tinham credenciais e continuam tendo um papel importante na vida acadêmica brasileira, mas num segundo momento, por conta do projeto da FEA/USP na área da Economia Regional e Urbana, e da psicanálise, que estava nos meus planos investir, decidi pela FEA/USP, tendo feito no período “quase” dois mestrados, o da Economia na FEA/USP e o da Psicanálise (fiz muitas sessões de psicanálise durante quase três anos, sendo três por semana, para aprender a lidar de forma tranquila comigo e com o mundo, sem a presença das culpas inculcadas em ambientes familiares, escolares e religiosos).

A pesquisa da minha dissertação de mestrado na FEA/USP nasceu durante um jantar no Restaurante Forno, em Cuiabá, a partir de uma provocação feita pelo Prof. Dr. Tamás Szmercsányi, que disse o seguinte: “Por que você não estuda a História do Desenvolvimento Econômico Urbano de Cuiabá?” E nessa oportunidade me ofereceu de presente um livro sobre o Desenvolvimento Econômico Urbano de algumas cidades brasileiras, do Prof. Dr. Paul Singer, grande economista, escritor, pesquisador. Fiquei matutando a ideia por uns dias, depois redigi o projeto de pesquisa a partir da rica documentação do Ministério da Fazenda existente no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional Universidade Federal de Mato Grosso (NDIHR) e, de posse desse projeto, quando finalizei os créditos do Mestrado na FEA/USP, apresentei a intenção de pesquisa ao Prof. Dr. Flávio Azevedo Marques de Saes, grande estudioso da História Econômica, membro fundador da Associação Brasileira de

Pesquisadores em História Econômica (ABPHE), referência em estudos sobre ferrovias, capital internacional, bancos, serviços públicos e história institucional, que aceitou orientar a dissertação. Defendida em 1991, foi publicada com o mesmo título, “Do Extrativismo à Pecuária: algumas observações sobre a História Econômica de Mato Grosso (1870-1930)”. Minha dissertação de Mestrado, embora estendida a Mato Grosso, foi para Cuiabá, com o objetivo de explicar suas dificuldades e lutas empreendidas para conseguir sobreviver diante das dificuldades. Se você se interessar em ler o livro, pense em Cuiabá. A tentativa em tentar me aventurar pela vida de escritor surgiu a partir da batalha empreendida para a publicação e divulgação desse livro e trata-se de uma história longa, rica em aprendizagem, que contarei em um livro, que pretendo escrever sobre minha passagem pela Editora Universitária da UFMT (EdUFMT). E, para arrematar tudo, vale ressaltar que concluí na FEA/USP a Especialização em Economia Regional e Urbana e o Mestrado em Economia. E aqui um destaque: o professor Tamás Szmercsányi fez parte da minha banca de defesa de mestrado.

Na Universidade Federal de Mato Grosso, após o Mestrado, lecionando no Curso de Ciências Econômicas, à época ligado à Faculdade de Administração, Economia e Ciências Contábeis, fui convidado pela Profa. Msc. Luzia Guimarães (que foi minha professora no Ginásio Industrial da antiga Escola Técnica Federal de Mato Grosso e no Curso de Ciências Econômicas), primeira reitora mulher da UFMT, para compor a equipe de sua gestão, como coordenador da Editora Universitária, cargo que ocupei com muita honra, de 1992 a 1998. O trabalho de editor é maravilhoso, mágico, criativo, pulsante, vivo, pois esse ofício possibilita conhecer a produção acadêmica da Instituição, mergulhar profundamente em sua alma, e vivenciar com os autores momentos fantásticos. Na EdUFMT contei com conselheiros de destaque na vida acadêmica, como a Profa. Dra. Luiza Rios Ricci Volpato, Prof. Dr. Marcos Prado de Albuquerque, Profa. Dra. Artemis Augusta Mota Torres, Prof. Dr. Jovam Vilela da Silva, Prof. Dr. Benedito Dias Pereira, crítica de arte Aline Figueiredo, poeta Juliano Moreno, acadêmico Luís Philippe Pereira Leite. Além da construção da Política Editorial, da elaboração e aprovação do Regimento da Editora Universitária, dos muitos livros, das primeiras revistas dos cursos de pós-graduação e de cadernos publicados, também os primeiros fascículos da Educação a Distância do Instituto de Educação contaram com o apoio da EdUFMT. Muitos dos trabalhos da Editora Universitária foram premiados pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE/RJ), e a EdUFMT foi capa das Editoras Brasileiras, com desenho do artista plástico João Sebastião Costa, na Feira do livro de Frankfurt, no ano de 1994, ocasião em que

a feira homenageou o Brasil. Foram enviados para Feira do Livro de Frankfurt 39 obras da Editora Universitária.

Deixei a Coordenação da EdUFMT para fazer doutorado na FFLCH/USP, sendo orientado pela Profa. Dra. Nanci Leonzo, grande especialista em Teoria da História e História de Mato Grosso, pesquisadora voltada também aos estudos da história intelectual, militar, médica, econômica e social. A tese defendida, “Esperando o Trem: Sonhos e Esperanças de Cuiabá”, foi publicada pela Scortecci, em 2005 e premiada pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, com o Prêmio Antônio Vieira dos Santos, em 2006, e ainda inspirou o enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, no carnaval de 2013, que considero um grande presente recebido em vida.

Atualmente, leciono no Programa de Pós-Graduação em História, no Programa de Pós-Graduação em Economia, na Faculdade de Economia, ocupo a Cadeira de n. 33 na Academia Mato-Grossense de Letras, participo como membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Sociedade de Amigos de Rondon e da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, e encontro-me no exercício da Vice-Presidência do Conselho Regional de Economia de Mato Grosso (CORECON/MT).

[ROF] Quais pesquisas e/ou trabalhos vêm desenvolvendo atualmente?

Comecei recentemente uma pesquisa sobre a Trajetória do Curso de Ciências Econômicas na Universidade Federal de Mato Grosso (1965-2020), pois em 2025 a Faculdade de Economia completará 60 anos de atividades em Mato Grosso. Preciso finalizar alguns trabalhos começados, mas que foram interrompidos por conta do cargo exercido no período de outubro de 2016 a março de 2020, de Pró-Reitor de Cultura, Extensão e Vivência da Universidade Federal de Mato Grosso.

[ROF] Desde a sua Dissertação de Mestrado, o senhor vem estudando sobre o desenvolvimento econômico regional e sobre Mato Grosso no contexto nacional. Quais foram os pontos de tensão em relação à utilização dos conceitos: Economia Regional; Desenvolvimento Econômico?

Com as especializações em Economia Agrária pela UFMT e em Economia Regional e Urbana pela FEA/USP, nos meus trabalhos utilizo autores de História Econômica, História Social, Teoria do Desenvolvimento Econômico, Economia Brasileira, Economia Política, na busca por entender o desenvolvimento do capitalismo do ponto de vista crítico. Nesse ponto

residem tensões, pois a economia política ao estudar a relação capital *versus* trabalho desnuda os problemas, considera as incertezas e leva em conta as dinâmicas, e a economia na vertente tradicional estuda os fenômenos a partir de um ponto de equilíbrio e dentro de uma concepção estática. A minha visão de Economia baseia-se no movimento dinâmico, tentando compreender as contradições, as diversidades, as faltas de oportunidades, a concentração da riqueza e da propriedade da terra.

Celso Furtado é o meu mestre na História Econômica do Brasil e neste ano comemora-se o seu centenário (1920-2020). Utilizo também com frequência Fernando Novais, Flávio Azevedo Marques de Saes, Nanci Leonzo, Tamás Szmerecsányi, Sérgio Buarque de Holanda, Luiza Rios Ricci Volpato, Maria Adenir Peraro, Caio Prado Júnior, Maria de Fátima Costa, Elizabeth Madureira Siqueira, Nicolau Sevcenko, Carlos Francisco Moura, Alcir Lenharo, Carlos Alberto Rosa, Romyr Conde Garcia, Elmar Figueiredo de Arruda, Virgílio Corrêa Filho, Marc Bloch, Foucault, Leny Caselli Anzai, João Manuel Cardoso de Melo, Vitale Joanoni Neto, Rubens de Mendonça, Eric Hobsbawm, Wilson Cano, João Manuel Cardoso de Mello, Bresser Pereira, Fernand Braudel.

[ROF] Qual visão a elite letrada cuiabana de fins do século XIX – início do XX tinha sobre o desenvolvimento socioeconômico de Cuiabá e Mato Grosso? Na opinião do senhor, essa visão ainda tem impacto na atual elite cuiabana e mato-grossense?

Uma grande parcela da população cuiabana sonhou com a modernização da cidade, estou dizendo parcela porque tenho dificuldade com o termo “elite”, que é complexo, requer novos estudos. Com um centro histórico belíssimo clamando por atenção diante da destruição, recentemente fiquei indignado com o desmoronamento da Casa de Bembem e do Casarão da Livraria Pepe. A recuperação do Centro histórico de Cuiabá poderia ter ocorrido por ocasião da Copa do Mundo, mas creio que ainda é possível tomar providências se tivermos dirigentes voltados para a preservação da história, dos arquivos, dos museus, e com projetos consistentes que contemplem educação, saúde, esporte, comunidade, música, artes plásticas e cinema.

Com relação à sua indagação, creio mesmo que o trem que nunca chegou a Cuiabá traduz-se na visão de desenvolvimento alimentado por uma parcela da população. O trem esperado por Cuiabá e pela América Latina, no entanto, foi trazido pela comunidade da Estação Primeira de Mangueira na Sapucaí, que deu um recado de que os trens prometidos pelos políticos precisam sair de vez do papel, das promessas de palanques, dos discursos...

[ROF] Defendeu sua tese de doutorado no ano de 2003 e publicou-a em livro (2005): “Esperando o trem: sonhos e esperanças de Cuiabá”. Na afirmação: “[...] o trem nunca chegou a Cuiabá e, mesmo assim, a vontade de possuí-lo, permaneceu na visão de mundo dos seus habitantes letrados do início do século XXI ao último quartel do século XX”; faz alusão ao objeto de pesquisa e problematiza o tempo histórico apontando para suas opções teóricas/metodológicas. Gostaríamos de entender suas escolhas durante a produção da escrita e quais seriam as implicações de o “fetiche exercido pelo trem” ser simbolicamente traduzido por: *modernização e progresso na perspectiva histórica*?

Para responder a essa questão, no livro partimos do presente para o passado, seguindo Marc Bloch, e a partir de um mergulho no passado acredito que cada pessoa poderá tirar suas conclusões. Contudo, o livro foi escrito na tentativa de acompanhar o movimento do nosso tempo, podendo ser lido a partir de qualquer parte, do meio para o começo, do fim para o meio, deixando com isso os leitores muito à vontade e livres. Nas entrelinhas cabe observar que muitos são os recados e a intenção foi a de provocar e chamar os leitores para a situação calamitosa de dificuldades da América Latina, embora o livro se passe em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, Centro da América do Sul.

Quando estava fechando o último parágrafo da tese, depois livro, pensei que o trabalho poderia transformar-se em enredo de alguma escola de samba do carnaval do Rio de Janeiro, na Sapucaí, pois trata-se de um grito em prol de todos os povos e para que os projetos não fiquem nas promessas, para que a mulher tenha suas garantias asseguradas; as nações indígenas, voz; as questões estruturais, uma política construída com diálogo; a saúde e a educação, tratadas como essenciais; e os setores econômicos e de infra estrutura, acompanhados por estudos e pesquisas que tragam transformações etc.

Na calçada da porta da Casa Barão de Melgaço, de ida para a Universidade Federal de Mato Grosso, fui apresentado ao carnavalesco Cid Carvalho, da Estação Primeira de Mangueira, que veio a Cuiabá com o objetivo de levantar informações para o desenvolvimento do enredo da Mangueira, que nesse ano encontrava-se homenageando a capital mato-grossense, “Cuiabá, um paraíso no Centro da América”. E na apresentação, eu disse a Cid Carvalho: “Muito prazer! Para nós cuiabanos é uma honra ter Cuiabá escolhida para ser homenageada por uma escola de samba, e principalmente pela Mangueira, e a história da Cuiabá tem pérolas!” Nesse momento o Cid Carvalho disse para alguém de sua comitiva, “pegue o telefone do Fernando”. Despedimo-nos, e cada um seguiu seu caminho.

Ao chegar à Faculdade de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso, toca o celular, atendo, é o Cid Carvalho, dizendo, “quero conhecer as pérolas”. E por isso marcamos uma reunião no outro dia, à noite, no Hotel onde ele se encontrava hospedado, porque viajaria nessa semana mesmo para o Rio de Janeiro e não mais voltaria, dando, portanto, como concluída a pesquisa.

E foi nesse tempo, que pensei na possibilidade de o livro “Esperando o Trem: Sonhos e Esperanças de Cuiabá”, conseguir compor uma das alas da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, tendo ido à reunião com um exemplar do trabalho para falar das pérolas de nossa História com o carnavalesco. Chegando ao Saguão do Hotel, esperei pouco tempo, pois logo Cid Carvalho desceu nos cumprimentando e dizendo “vamos às pérolas”, e solicitando para que eu descrevesse como enxergava Cuiabá na Mangueira. Do pedido fiz uma descrição longa de todas as alas, trouxe a história imaginada por mim, nossos historiadores, vários personagens cuiabanos, para poder chegar à ala do trem, finalizando com a ala dos anjos da Mangueira, Cartola, Carlos Cachaca, Zé Espinguela, Nelson Cavaquinho, dona Zica, dona Neuma, Mocinha, Xangô da Mangueira etc. Quando estava terminando, o Cid Carvalho levantou-se bruscamente, e disse em voz alta: “A MANGUEIRA É O TREM QUE CUIABÁ ESPERA FERNANDO! CUIABÁ NÃO ESPERA O TREM?” E eu disse: “Não entendi, o que quer me dizer com isso? E ele explicou: “A Mangueira não é a Estação Primeira? Cuiabá não espera o Trem? A Mangueira é o trem que Cuiabá espera e por isso a Mangueira irá trazer o trem para Cuiabá! Eu te prometo, vou levar a ideia para a Escola e assim que tiver um resultado, comunicarei você, em primeira mão”. Sai emocionado desse encontro, sem acreditar no que ouvira naquela noite, por conta de um sonho que vinha de 2003, de quase dez anos. Passados alguns dias, Cid Carvalho me ligou do Rio de Janeiro para dizer que a ideia havia sido aprovada, que a Mangueira decidira trazer o trem para Cuiabá e que o trem seria o fio condutor do enredo. E foi assim que a “Jequitibá do Samba no Brasil” trouxe com toda sua comunidade o trem aguardado por Cuiabá, desde 1852. Foi uma das maiores emoções da minha vida! Sou Mangueirense de coração! Fui à feijoada na comunidade de Mangueira e o tempo todo o nome de Cuiabá ecoava no samba enredo, cantado por uma multidão de pessoas de todos os cantos do nosso país e de outros países. Vou reeditar o livro, quero relançá-lo na Mangueira, **e espero ainda que o sonho do filme ou de um seriado para a televisão brasileira sobre essa maravilhosa história, ocorrida no Centro da América do Sul, venha a ser concretizado.** Luto pela imortalidade, caminhando nos trilhos da História. Nada foi fácil em minha vida,

minha avó que pertencia ao mundo da cultura oral me ensinou o valor da espera e, talvez por isso e pela educação cristã, cultive a esperança.

[ROF] Qual é a sua concepção de História? Tal concepção alinha-se a uma escola historiográfica?

História é o sentido da minha vida! Minha vida só tem sentido por conta da História! Vivo pela/para/da História! Ficarei imortalizado pela História, motivo de trabalhar com História. Publiquei meu primeiro livro, “Do Extrativismo à Pecuária: algumas observações sobre a História Econômica de Mato Grosso (1870-1930), porque achava que poderia vir a morrer jovem, tinha medo de que o resultado da pesquisa ficasse engavetado e também o desejo de sua ampla divulgação, mesmo sabendo tratar-se de algumas observações diante da grandeza da História de Mato Grosso. Sou da época da História feita com balizas longas, muitos aspectos abordados, diversas questões em movimento, mas isso mudou e passei a observar com o olhar da mecânica quântica as coisas minúsculas, o mundo invisível, e assim prossigo em busca de conseguir o passaporte para a eternidade inventada. Hoje, portanto, teço a História dessa forma, mas tenho vontade de escrever dois livros com balizas longas.

[ROF] Mais recentemente, o senhor tem enveredado em seus estudos pelas mais novas correntes e/ou concepções historiográficas. Porque uma História das Emoções?

Porque nós vivemos de emoções! Contudo, a entrada na História das Emoções deve-se a Profa. Msc. Nathalia da Costa Amedi, minha orientanda no Mestrado de História da UFMT, que produziu a dissertação, “A invenção da eterna capital: discursos sensíveis sobre a modernização de Cuiabá no período pós-divisão do Estado de Mato Grosso (1977-1985)”. Trata-se de um trabalho que deve se tornar fonte de consulta obrigatória quando o assunto referir-se à Cuiabá.

As dissertações de mestrado de Viviane Gonçalves da Silva, “Zulmira D’Andrade Canavarros - uma Mulher sem Fronteiras na Cuiabá da primeira metade do século XX”; de Deborah Pimenta Martins, “Revisitando a Cuiabá e a Vila de Guimarães nos cantos e desencantos de Hercule Florence (1827)”; de Carlos Américo Berolini, “Fragmentos de retratos: Lentes da memória em imagens de família na Cuiabá de 1960 a 1980”; de Elói Felipe de Oliveira Thomas, “Formação do Partido dos Trabalhadores em Cuiabá (1979-1985)”; de Juliano Moreno Kersul de Carvalho, “Do sertão ao litoral: a trajetória do escritor Ricardo Guilherme Dicke e a publicação do livro ‘Deus de Caim’ na década de 1960”; de Dulcinéia

Silva Martins, “No silêncio dos arquivos: relatos de viajantes que percorreram Mato Grosso (1808-1864)”; de Sérgio Ribeiro Santos, “Igreja Presbiteriana de Cuiabá: tradição, cultura, sociedade e política (1985-2010)” estão repletas de emoções. Daria uma palestra interessante sobre os bastidores, com os autores reunidos e essas dissertações deveriam ter sido publicadas por ocasião dos trezentos anos de Cuiabá, e ainda devem ser publicadas, na Série Pérolas, nome fictício que inventei para uma série, junto a outras dissertações e teses sobre a capital mato-grossense.

Além desses trabalhos deveriam ser reeditados e editados Alcir Lenharo, Luiza Rios Ricci Volpato, Carlos Francisco Moura, Dunga Rodrigues, Rubens de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho, Júlio De Lamonica Freire, Silva Freire, Maria de Fátima Costa, Maria Adenir Peraro, Lucinda Persona, Elizabeth Madureira Siqueira e muitos outros.

No mestrado e no doutorado de História orientei várias dissertações e teses e cada uma delas com histórias maravilhosas. Todas as orientações, vale registrar, foram interessantes, evidente que não teria como citar uma por uma neste espaço, e por isso optei pelas da História e sobre Cuiabá, uma vez que esta entrevista é para a História, sem as orientações realizadas no mestrado e no doutorado da História na totalidade, as orientações realizadas no mestrado e na graduação da Faculdade de Economia.

[ROF] Fale-nos sobre Marc Bloch e sua importância para a formação e transmutações da visão historiográfica do senhor, se é que podemos assim considerar...

Foi meu primeiro contato com uma nova forma de fazer e pensar a História e o ofício do Historiador, e que influenciou uma grande parte de Historiadores do mundo. A Escola Francesa tem uma grande influência na minha vida acadêmica. Comecei com História Econômica, remei com ela, contudo, a História Econômica do “Esperando o trem: Sonhos e Esperanças de Cuiabá”, é diferente, não tem tabelas, mas o social e o econômico, que alinhavam as três partes.

E, nesta oportunidade, gostaria de dividir com vocês alguns livros que continuam me fascinando “O Rei Oculto. Salvadores e Impostores. Mitos Políticos Populares na Europa Moderna”, de Yves-Marie Bercé; “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda; “É isto um homem?”, de Primo Levi; “O Livro do Chá”, de Kakuzo Okakura; “Alexis ou o Tratado do Vão Combate”, de Marguerite Yourcenar; “A Galáxia de Gutenberg”, de Marshall McLuhan; “Matando o Tempo”, de Paul K. Feyrabend; “Gilgamesh. Rei de Uruk”, Anônimo (ÉPICO SUMÉRIO); “Por uma Poética Popular da Arquitetura”, de Júlio De Lamonica Freire; “Walden

ou A Vida nos Bosques”, de Henry D. Thoreau; “O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura”, de Raymond Williams; “Cuiabá Colonial: Povoamento e Sociedade”, de Edvaldo Assis.

[ROF] Uma citação em seu livro chamou-nos a atenção: “Baudelaire às vezes esperou, por um futuro em que a alegria e a beleza, como as luzes da cidade, venham a ser partilhadas por todos. Mas nossa esperança tende a ser diluída pela tristeza auto-irônica que permeia o ar da cidade de Baudelaire” (BERMAN, 1990, p. 150.). Qual o significado desse pensamento para a sua prática historiográfica?

Que precisamos continuar andando pela cidade, sem perder de vista a crítica, a poesia. O trem que estudei tem a crítica exalada por todos os lados e algumas vezes a presença do *caos*. Os picolés revestidos referem-se à era dos preservativos. A corrupção está presente na fala de Zuleiquinha Arruda, quando traz para o livro, o carnavalesco Joãozinho Trinta, falando do mapa do Brasil. A questão de um lugar sem dono, livre e liberto das algemas da certidão de nascimento, encontra-se presente na fala repleta de recados, de Lucinda Persona, a presença do debate sobre a participação das mulheres tanto em espaços públicos quanto privados e muito mais questões. Nunca, durante toda minha vida, deixei de aguardar um trem, que chamo de “perdido” e Cezar Mafus Maksoud, de Mato Grosso do Sul, que foi entrevistado para o livro “Esperando o Trem: Sonhos e Esperanças de Cuiabá, esclarece isso: “esperamos muitos trens, esperamos trens de ferro, esperamos trens de carne e osso, alguns vieram, outros vão vir, os trens espirituais, quase na maioria, nós ainda os aguardamos.” E, aqui uma quase certeza, nesse mundo de incertezas, a nossa tristeza auto-irônica talvez seja causada pela não chegada dos trens materiais e dos trens espirituais para todos neste mundo de luzes, neon, plumas e paetês.

[ROF] Quais as intersecções possíveis entre “História, Mídia e Linguagens” ao longo de suas pesquisas?

A mídia e a escrita andam juntas e embora considere a escrita reducionista e seletiva, digo que precisa ser levada em conta, e a linguagem, aparentemente mais ampla e diversa, guarda mistérios, em um baú de histórias.

[ROF] No livro “Prosas com os Governadores de Mato Grosso (1966-2006)” utilizou-se da História Oral. Explique-nos o porquê da utilização tão somente de entrevistas?

Foi o desejo de ter um livro com as pessoas expressando-se de forma livre. Trata-se, portanto, de um trabalho pensado com a intenção de tornar-se fonte de consulta para pesquisadores, embora comece questionando os governadores com uma frase complexa do Couto de Magalhães, que governou a Província de Mato Grosso, e que diz o seguinte: “O ideal não tem limites, mas o real tem. Vou tratar de registrar alguns ideais”, conforme registrado no seu “diário íntimo”, organizado por Maria Helena P. T. Machado e publicado pela Companhia das Letras, em 1998. E, com estas palavras abro a introdução, “Prosas com Governadores de Mato Grosso de 1966 a 2006 busca, inspirado em José Vieira Couto de Magalhães, que governou a província mato-grossense, de 02 de fevereiro de 1867 a 13 de abril de 1868, registrar alguns ideais de integrantes da elite política regional, nestes últimos quarenta anos, rumo a um mundo conectado, mas não integrado, e por isso, talvez, bem pouco à vontade para admitir que na prática cotidiana o ideal é que tem tido limites, apesar dos inúmeros esforços e das várias tentativas de desmonte dessa construção excludente, que teima em permanecer.”

Como Couto Magalhães esteve muito presente em minha vida por conta do forte relacionamento de amor que mantenho com Várzea Grande (nessa cidade fiz na juventude alguns campeonatos, com o título, Campeonato de Futebol de Salão Fernando Tadeu), pelo fato dele ser o patrono da cidade, e ter lido alguns dos seus trabalhos, acabei sendo convidado para participar de uma banca de mestrado na FFLCH-USP, sobre a relação de Couto de Magalhães com a doença que lhe tirou a vida, e que foi escrita por Maria José Saenz Surita de Pires Almeida, “Dos prazeres venéreos à diabólica moléstia: o general José Vieira Couto de Magalhães diante da Sífilis no final do século XIX”, tendo ficado tocado pela História.

[ROF] “Entretiens sur la fin des temps” realizadas por Catherine David, Frédéric Lenoir e Jean-Philippe de Tonnac lançada em 1998 e traduzida para a língua portuguesa pela Editora Rocco em 1999; à época refletia sobre a passagem dos séculos XX ao XXI, sobre “o fim do mundo”. No cenário atual, vivemos em tempos de pandemia mundial causada pelo vírus Covid 19, diante dessa paisagem caótica, desumana e devastadora, apropriamos de uma pergunta central do referido livro: “Fim do tempo ou fim dos tempos?” e lhe estendemos a mesma questão.

Fim de um tempo, e começo de outro tempo, ainda que o tempo que se inicia deva carregar por alguns anos todos nós do século XX.

[ROF] Um outro desafio apresentado pela pandemia diz respeito à Educação. Na atualidade, o Ensino à Distância passou a ser praticado pelo município de Cuiabá e por algumas instituições de Ensino Privado. Conte-nos sua experiência com Educação à Distância e se este seria o caminho também para as instituições públicas estaduais e federais?

Quando coordenei a EdUFMT, os primeiros fascículos de Educação a Distância, escritos pelo Instituto de Educação, foram publicados pela Editora Universitária, que acreditou no projeto como forma de inclusão, ampliação do conhecimento, mudança de paradigma, otimização das ferramentas tecnológicas. A reitora Profa. Luzia Guimarães foi muito importante para essa concretização e Prof. Dr. Paulo Speller o condutor do processo no Instituto de Educação. O Ministro da Educação, Murilo Hingel, foi quem autorizou a UFMT a implantar o Curso de Educação a Distância, em caráter experimental, pelo fato da LDB da época não autorizar Cursos a Distância, e somente com a nova LDB, aprovada, em 1996, e que entrou em funcionamento, em 1997, foi que os outros estados começaram a aderir à Educação a Distância, e como tínhamos adquirido experiência, tornamo-nos referência.

A UFMT, portanto, foi importante no Projeto de Educação a Distância no Brasil e viabilizou a ampliação da educação no Estado de Mato Grosso. Àquela época, a UFMT foi muito consultada, contudo, a partir de agora é que a Educação a Distância parece que vem para ficar, abrindo o século XXI, que deve ser marcado pela ciência e pela tecnologia, tendo no comando a inteligência artificial.

[ROF] Suas palavras finais.

Vou finalizar com fragmentos de um poema da minha colega na Academia Mato-Grossense de Letras, Lucinda Persona, do qual comungo:

“Cuiabá
chão de ouro e cascalho sobre o qual vivo
e teço na invisível trama
dos meus paços
Jamais serão inúteis
estes passeios repetidos,
o mapeamento silencioso
daquilo que vejo e não se repete.”

Recebida em 07 de junho de 2020.

Aprovada em 28 de setembro de 2020.